# REENCONTRO COM O NÚCLEO DE NOSSA EXISTÊNCIA EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS

Aleluia Heringer Lisboa Teixeira

# Destacarei sete aspectos de nossa existência que estavam esquecidos e que, nessas semanas, estamos tendo a oportunidade de reencontrar ou recuperar.

A pandemia nos impôs a suspensão da vida social. Em pouco tempo, palavras caíram em desuso, tais como: alargar, expandir, crescer, consumir, fazer, aparecer, ir programar, festejar, encontrar, marcar. Outras, outrora em desuso ou esquecidas, tomaram conta do nosso vocabulário, como: declinar, suspender, recolher, cancelar, restringir, reduzir, limitar, adiar, encolher.

O toque de recolher nos pegou de surpresa. Recebemos a ordem dada pelo diretor do grande teatro: saiam de cena; deixem o palco; apaguem as luzes; o show acabou! Ou então, a voz da mãe brava que interrompe uma brincadeira que já extrapolou o horário, e diz: volte já para casa!

Não nos restou outra saída a não ser obedecer.

Mas, ir para onde? Para Casa? Mas qual Casa? A sua! A minha.

Abro aqui um parêntese considerável, pois nada que será dito após essa pausa se aplica aos brasileiros e brasileiras que vivem nas ruas. Não há dados atualizados, mas os números aqui não importam. Podem ser 10, mil ou milhares, que o problema continua existindo.

Portanto, a reflexão não cabe para “os sem casa”, mas para nós que temos, indiretamente, responsabilidade sobre eles. No mínimo, temos que nos perguntar: que tipo de processos de produção e consumo operamos e que tipo de organização social legitimamos e que leva à produção desse “resíduo social” ou “sobra humana”?

O que há de errado com nossas políticas e uso do dinheiro público que não conseguem atender, incluir e oferecer dignidade mínima a essas pessoas?

Nossos dilemas e nossos problemas ficam pequenos e insignificantes quando nos damos conta do quão distante estamos de uma fraternidade universal. Não podemos dizer que somos todos irmãos, enquanto tantos ainda precisam dormir no chão; não têm a privacidade de um banheiro e nem um café quente ao acordar, o básico para alguém se sentir digno. Essa realidade, por si só, já nos desmonta e retira de nós toda pretensão de sermos arautos da justiça, da bondade, da compaixão ou da misericórdia. Ao contrário, nos coloca em nossa devida insignificância e nos interpela: ainda temos muito por fazer. Dito isso, prossigamos.

No reencontro com o núcleo de nossa existência, nos deparamos com diferentes encontros.

1. O primeiro deles é com a casa. Reencontramos um lugar físico, um endereço, com nossos móveis e pertences pessoais, mas será lá o nosso espaço?

Qual relação estabelecemos com a nossa casa? Lugar ou morada? É para lá que vou e posso ser eu mesma? Desvisto minhas máscaras e me deparo com tudo aquilo que sou e que tento esconder?

A contemporaneidade nos impôs algo: somos seres que estão sempre “indo”, que nunca param. A casa nunca é morada, pousada, o lugar de estar, mas sempre lugar de passagem para um outro lugar. Aliás, somos seres ausentes de morada. Tudo que fazemos lá tem que ser rapidinho: o banho, a refeição, o encontro com o outro e conosco. Bastam algumas horas em casa e já estamos planejando para onde iremos mais tarde, no dia seguinte ou no final de semana. Não sossegamos.

Sempre estamos nos ocupando e não suportamos o “nada fazer” ou o silêncio. É difícil reencontrar consigo. Esse superficial encontro é sempre mediado por “anestésicos sociais”, e o melhor deles é uma agenda bem cheia. Não seria o nosso cansaço e falta de paz provenientes dessa ocupação constante e agitação física e mental?

Ao contrário desse estado, Papa Francisco, na Encíclica *Laudato Si*, no capítulo 226, fala da atitude do coração “que vive tudo com serena atenção, que sabe manter-se plenamente presente diante de uma pessoa sem estar pensando no que virá depois, que se entrega a cada momento como um dom divino que se deve viver em plenitude”.

Primeiro aspecto então: nossa casa, um lugar qualificado, nossa morada.

1. Estar em casa implica fazer as tarefas rotineiras ou domésticas. Nesse 2º reencontro, temos a oportunidade de avaliar nossos objetos e pertences. Eles falam de nós, de nosso estilo de vida, daquilo com que nos revestimos e ostentamos. Bolsas, sapatos, ternos, tênis, pratos, mantimentos, cobertores! Quantos itens? Quantos figurinos! O que tem sobrando aqui que está faltando lá fora? Do que podemos nos desfazer, não para colocar outro no lugar, mas como forma de levar uma vida de mais sobriedade? Esse é um “para casa” que, realizado com intencionalidade, será poderoso nesse reencontro com nossa existência.

Cabe àqueles que estão na casa fazer lista daquilo que está faltando; sair para comprar; lavar roupa, louça, banheiro; separar e guardar os alimentos. Ao longo do dia, no mínimo três vezes, é preciso que alguém prepare as refeições, sirva à mesa e empilhe as louças sujas na pia. É preciso lavar e torrar o arroz, picar o alho, lembrar de deixar o feijão de molho no dia anterior, lavar as verduras, picar frutas, fazer suco, café, entre tantas outras ações ordinárias que muitos que nem sabiam que existiam, foram chamados a participar. Em tempos de normalidade, quando muito, sentava-se para “engolir” sua comida e nem entendia o processo milagroso de uma roupa largada suja no banheiro e que reaparecia limpa e passada na gaveta.

Depararmo-nos com os preços de cada coisa (aliás, quanto custa um quilo de banana?) e passamos a ter escala de comparação com outras coisas que consumimos.

O que mais essa rotina nos ensina? Um simples e sábio ensinamento sobre o tempo. Cada um desses atos da rotina doméstica nos impõem uma resistência e têm, em si, uma dificuldade que “nos agarram”. Não que sejam ações complexas, ao contrário, são bem simples, mas consomem tempo e são repetitivas. Ocorrem diariamente, semanalmente, mensalmente. Essa repetição é cíclica, assim como o sol se levanta toda manhã. A resistência que o descascar uma batata nos impõe e o tempo que nos consome, nos relembram que há um tempo real, da vida off-line que está em harmonia com o tempo do nosso corpo biológico. Recordemos que o dia, com todo o avanço das tecnologias digitais, continua tendo 24 horas. O mundo virtual não conhece tempos delimitados e, além disso, nos seduz com a possibilidade de tarefas sobrepostas. Sem que percebamos, vamos nos entregando a esses superpoderes, contudo nosso corpo/organismo/natureza/mamífero continua tendo necessidade de dormir, de comer, de descansar e de se relacionar. Nosso cansaço advém da desconsideração de que não somos máquinas e que não somos mais capazes de trabalhar, de estar on-line, plugado a todo momento. Esse modo de viver, que permitimos e legitimamos, não só nos escraviza como está nos levando à exaustão.

Os gestos ordinários do cotidiano são o alicerce da vida: dormir, comer, descansar, se relacionar. Nessas quatro categorias cabem todas as demais ações: celebrar, ler, estar com as pessoas etc. Não há tecnologia que substitua aquilo que nós, humanos, precisamos fazer. São as experiências ordinárias que nos lembram que temos uma humanidade.

Em alguns aspectos, a tecnologia nos libertou de trabalhos pesados e nos liberou para tarefas mais criativas; basta citar, por exemplo, a máquina de lavar roupa. Que inovação libertadora! Mas não é daquilo que ganhamos que falo e sim daquilo que perdemos. Refiro-me a um núcleo que nos diferencia de uma máquina que, ao contrário de nós, não precisa fazer amigos, não precisa comer, não precisa dormir e nem visitar seus pais.

1. O terceiro reencontro é breve, apenas um aditivo ao anterior: é sobre quem mora comigo. Quem é essa pessoa que divide o teto comigo? Há quanto tempo não reparo o seu rosto, sua pele, sua mão, seu olhar? Sei ainda qual é o seu cheiro? O que eu sei dele e ele sabe de mim? Qual foi a última vez que parei para ouvir, sem pressa, suas histórias, seus medos e seus sonhos? Se tenho pais ou avós, já ouvi sobre a sua infância e sobre o que ele tem a dizer do tempo em que fui criança?

A ajudante não vem, a babá também não. Ninguém vai sair e ninguém vai entrar. Somente nós. Hora de aproximar – reparar e dar generosamente seu tempo e disposição.

1. O quarto reencontro é com o nosso próprio corpo. No tempo de correrias, ignoramos os sinais de cansaço que o nosso corpo emite: sacrificamos o tempo das refeições, as horas de sono, da atividade física e do renovador tempo do “nada a fazer”.

Agora, em casa, a tendência é ficar parado e comer mais vezes. O corpo, já maltratado, começa a chamar atenção e a dizer do nosso esquecimento. Nossos músculos, articulações, não exercitados, demonstram encurtamentos e flacidez e logo vêm as dores nas costas, denunciando nossa má postura e fraqueza muscular.

O coração não dá conta de uma subida de escada ou de uma pequena caminhada que logo nos deixam ofegantes. O pneu que vai se formando em nosso abdômen nos alerta que a balança calórica está desequilibrada: caloria demais e exercício de menos.

O pescoço, curvado para frente, denuncia que estou muito tempo olhando para a tela e pouco para o horizonte. Estou branco, pois não me dou o direito de tomar dez minutos de sol e, por mera preguiça, permaneço nos ambientes fechados e, de preferência, com ar-condicionado.

Façamos uma avaliação sincera: continuando assim, o que nos espera? Qual é e qual será a qualidade de nossas vidas aos 40, 50, 60 – 70 – 80 anos? Em que medida, o descuido com o meu corpo será peso, não somente para mim, para aqueles que me amam?

1. O quinto aspecto é pouco explorado. É o fato de estarmos confinados devido à forma equivocada e perversa como nos relacionamos e confinamos as outras espécies. Vivemos em uma casa comum, entretanto procedemos como se a nossa espécie fosse a única com direitos. Dizemos e cantamos que “tudo está interligado, como se fôssemos um”, porém somos seletivos e cortamos as conexões e interdependências que nos conectam com o mundo natural. Vemo-nos fora e acima da teia da vida. Como bem diz Papa Francisco, “esquecemos que somos Terra” e acrescento, esquecemos que somos animais, animais humanos.

Somos, nesse sentido, especistas, expressão cunhada pelo filósofo americano Gary Francione. Enxergamos o mundo a partir de nosso ponto de vista. Nossa ética é tradicional, construída pelo homem e para o homem, conforme sinaliza Hans Jonas, no livro O princípio responsabilidade.

Sabemos que o novo coronavírus, que pode causar infecções respiratórias graves, é uma zoonose, ou seja, uma doença que começou em animais infectados e foi transmitida de animais para as pessoas. A culpa não é dos animais, mas da forma como os manipulamos.

Os mercados abertos da China misturam alimentos, animais silvestres e domésticos, vivos ou abatidos na hora, na frente do freguês. Ambiente que favoreceu a contaminação de humanos pelo, agora famoso, SARS-CoV-2, agente causador da COVID-19. Os infectologistas já haviam alertado sobre tal possibilidade e risco. Os tradicionais mercados públicos de nossas cidades fazem algo semelhante ao venderem pássaros, galinhas, cachorros e tartarugas em espaços exíguos, insalubres, sujos e de grande aglomeração, junto com verduras, queijos, carnes, etc.

Em 2013, um relatório da Organização das Nações Unidades para Agricultura e Alimentação (FAO) já denunciava que 7 em cada 10 doenças surgidas desde a década de 1940 eram de origem animal. A mistura de nossa ação predatória em relação aos ecossistemas, o confinamento de bilhões de animais para consumo humano e as grandes aglomerações nos centros urbanos geraram um desequilíbrio na fauna e na flora, tornando o ambiente favorável para a seleção de novas mutações e o aparecimento de novas doenças para as quais não há remédios ou vacinas e nos deixam, a cada dia, mais vulneráveis.

Segundo Yuval Noah Harari, no livro *Homo Deus*, “durante milênios o *Homo sapiens* tornou-se o mais importante fator individual na mudança da ecologia global”. Ele traz um dado espantoso sobre a atual composição da biomassa global de animais de grande porte: 100 milhões de toneladas de grandes animais selvagens; 300 milhões de toneladas de humanos; e 700 milhões de toneladas de animais domesticados. Isso nunca existiria no mundo natural. Os princípios de organização dos ecossistemas não permitiriam essa bizarrice de uma espécie se multiplicar *ad infinitum*, sem que processos naturais fizessem a correção. Nossa curta visão e critérios que só enxergam a natureza e as espécies animais com a lente da utilidade e lucro, ao contrário, dá o nome para isso de desenvolvimento e progresso. Precisamos nos atentar para o confinamento de animais pela indústria da carne, que abate mais de 50 bilhões de animais por ano, quase 7 vezes o número da população humana mundial abatida anualmente! Ou que o rebanho bovino brasileiro tem mais cabeças que toda a população brasileira. E isso sem contar peixes e crustáceos. Outro agravante é que estes dados são conservadores e desatualizados.

Nesse reencontro com aquilo que alimenta o nosso corpo, deveríamos nos perguntar: de que é feito isso e aquilo? Como é produzido? Ficaremos surpresos ao ver que, da hora que acordamos até a hora que vamos dormir, tudo aquilo que comemos tem algum ingrediente de origem animal. Devemos nos perguntar: é preciso? Esse ato automático de levar o garfo até a boca, para muito além do gosto pessoal, cultura ou tradição, em tempos de pandemia, passa a ser um gesto político, ecológico, ético, humanitário, sanitário, social e, por que não, saudável.

1. O sexto aspecto tem relação com a nossa Casa Comum. Quando saímos de cena e restringimos nossa circulação, a poluição e as emissões de gases de efeito estufa caíram consideravelmente como consequência da diminuição da atividade econômica, cancelamento de voos e menor circulação de carros. É o que dizem pesquisadores de todos os continentes. Somente em NY, as emissões de monóxido de carbono oriundas de automóveis diminuíram 50% em comparação ao ano passado, segundos dados de pesquisadores da Universidade de Columbia. Na China, epicentro da pandemia, as emissões de CO2 diminuíram 25% em um período de apenas duas semanas, o que pode resultar em uma redução de 1% do valor de 2020, segundo estimativas.

É bem provável que os níveis voltarão a atingir picos após o fim da pandemia. Diante da inoperância dos acordos internacionais para a redução das emissões de gases de efeito estufa, esse tem sido um tempo providencial de respiro para nossa Mãe Terra.

Reparem que a experiência dolorosa da pandemia pode ser pedagógica se também a entendermos como uma simulação e oportunidade de nos prepararmos para aquilo que iremos viver no caso do agravamento da crise climática. Tanto uma como a outra não escolhem nacionalidade, sexo, idade ou profissão, mesmo que, como sempre, as consequências sejam mais severas com os empobrecidos, os mais frágeis e os que vivem na periferia do sistema e da sociedade. Estaremos todos debaixo da mesma tempestade, contudo nossas embarcações, guarda-chuva, capa, teto etc. são diferentes e farão a diferença.

O retroceder, diminuir, declinar, encolher são remédios amargos, porém necessários para minimizarmos a crise climática, antes que ela vire uma catástrofe climática e se torne irreversível. O cenário da pandemia é bem apropriado para entendermos aquilo de que teremos, pelo bem ou pelo mal, abrir mão.

1. Por fim, o sétimo aspecto é a volta para nossa casa interior e o reencontro com a transcendência e com a nossa espiritualidade. É quando somos levados, como pede o salmista, para uma “Rocha mais alta que eu”. Para onde vamos quando estamos abatidos, cansados e sobrecarregados. Nossa vontade, muitas vezes, é de deitar e desistir. Em alguns momentos, pensamos na morte, assim como Elias, mas Deus que é misericordioso cuida de nós e providencia o livramento: levanta e come! Ele não nos livra da viagem longa, mas Ele nos sustenta e nos capacita a continuar caminhando.

Ter recursos dentro de nós, ou mesmo a comida que nos dará condições de prosseguir a longa viagem que temos pela frente, vem daquilo que cultivamos diariamente.

Tentar encontrar recursos dentro de nós para dar conta de passar por tantas turbulências demanda fortalecer a nossa fé e investir tempo de nossas vidas nas disciplinas espirituais, como a leitura bíblica, a meditação e a oração.

O Senhor é a nossa força e fortaleza. Quando tudo está incerto, vamos nos aquietar e ouvir a sua voz que vem por meio de um murmúrio suave.

Que tenhamos, nesses tempos de grande incerteza, o maior de todos os reencontros que é com o Espírito Santo de Deus que habita em nós. Somos seu templo e sua morada.